

DIFUSÃO CIENTÍFICA EM GRUPOS DE PESQUISA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DA BAHIA

Scientific dissemination in research groups at a public university in Bahia

Difusión científica en grupos de investigación de una universidad pública de Bahía

Tiago Santos Sampaio¹

Ana Maria Ferreira Menezes²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i28.14774

Resumo: Este artigo objetiva analisar a difusão científica em grupos de pesquisa em uma universidade pública da Bahia, a partir de suas práticas de disseminação e divulgação, na perspectiva de líderes de grupos de pesquisa. Metodologicamente, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com esses sujeitos. Os resultados foram categorizados em torno das práticas de disseminação e divulgação e reiteram a importância de pensar a difusão de modo a integrá-las, considerando a proficiência da comunidade ampliada.

Palavras-chave: Comunidade científica. Conhecimento. Disseminação. Divulgação. Universidade do Estado da Bahia.

Abstract: This article aims to analyze scientific dissemination in research groups at a public university in Bahia, based on their dissemination and dissemination practices, from the perspective of research group leaders. Methodologically, semi-structured interviews were carried out with these subjects. The results were categorized around dissemination and dissemination practices and reiterate the importance of thinking about dissemination in order to integrate them, considering the proficiency of the expanded community.

Keywords: Scientific community. Knowledge. Dissemination. Disclosure. University of the State of Bahia.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la divulgación científica en grupos de investigación de una universidad pública de Bahía, a partir de sus prácticas de difusión y divulgación, desde la perspectiva de los líderes de grupos de investigación. Metodológicamente se realizaron entrevistas semiestruturadas a estos sujetos. Los resultados se categorizaron en torno a la difusión y las prácticas de difusión y reiteran la importancia de pensar en la difusión para integrarlas, considerando la competencia de la comunidad ampliada.

Palabras-clave: Comunidad científica. Conocimiento. Disseminación. Divulgación. Universidad del Estado de Bahía.

¹ Mestre, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Conceição do Coité, Ba – Brasil. tssampaio1@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7777-5897>

² Doutora, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Ba – Brasil. ana_mmenezes@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-2639-5122>

Introdução

O conhecimento científico – enquanto aproximações sucessivas bem ordenadas a construções processuais que visam delimitar o que, comumente, denomina-se como objetos de investigação (Bachelard, 2018) – está amparado em duas dimensões constitutivas: sua produção e difusão. No âmbito da produção, duas concepções contribuíram para arregimentar a ideia de ciência como instância hierárquica pretensamente superior às demais formas de produção de conhecimentos: a) a normatividade de imperativos institucionais, tais como a universalidade e desinteresse que justificariam uma suposta neutralidade da ciência (Merton, 1979) e b) a noção de comunidade científica como agrupamento homogêneo e restrito a sujeitos reunidos em torno de consensos paradigmáticos (Kuhn, 2013).

Diversos debates epistemológicos, no entanto, estabeleceram-se como contrapontos a essas concepções por compreenderem a produção científica como resultante de processos históricos de motivações econômicas (Hessen, 1985); como construção relacional tensionada e coletiva de agentes em torno da obtenção e manutenção de atributos, vistos como capitais simbólicos que demarcariam diferenças entre a ciência e outros campos (Bourdieu, 2004) e como instância social de fronteiras porosas atravessadas por agentes externos com interesses não necessariamente científicos (Knorr Cetina, 2005). Também, na compreensão de Michinel e Burnham (2007), o conhecimento científico se produz no contexto de comunidades ampliadas, isto é, um conjunto heterogêneo de sujeitos, formado por profissionais do ramo científico e atores sociais de outros *lóci* nos quais as práticas de construção

de conhecimentos são legitimadas pela interlocução constante e agregam a esta comunidade elevado potencial valorativo, dada a sua abertura, pluralidade, flexibilidade e senso de coletividade.

Já a difusão científica pode ser compreendida como um conjunto de processos e recursos utilizados para veicular informações científicas e tecnológicas, perpassando o “envio de mensagens elaboradas em códigos ou linguagens universalmente compreensíveis à totalidade do universo receptor disponível, em determinada unidade geográfica, sociopolítica ou cultural” (Bueno, 1984, p. 34). Segundo o autor, a difusão é um processo que, embora tenha pretensões universalizantes quanto à abrangência, divide-se em disseminação, quando voltada a uma comunidade reconhecida como científica por seus pares, e divulgação, quando destinada ao público em geral. Os aspectos que demarcam essa diferenciação seriam as práticas, canais e linguagens usadas, além dos próprios sujeitos envolvidos.

A comunicação é, portanto, a matriz da difusão científica, daí, por vezes, a difusão ser tomada como sinônimo da comunicação científica, já que, conceitualmente, essa se refere às “atividades desenvolvidas por diferentes pessoas e instituições, com o objetivo de levar a informação científica a determinado grupo social” (Caribé, 2015, p. 90). Ademais, em termos gerais, a comunicação está presente desde a produção científica, tal como expressam diversos autores que estabelecem a comunicação como premissa de todo o processo científico, conforme é possível notar: a) “A comunicação é um ato inerente à pesquisa científica” (Mueller, 1995, p. 1); b) “A comunicação situa-se no próprio coração da ciência” (Meadows, 1999, p. 1); c) “A informação é o sangue da ciência” (Le Coadic, 1996, p. 27).

Tendo em vista essas premissas e a difusão em uma perspectiva mais genérica, que compreende os processos de disseminação e divulgação, sem tomar as diferenças entre essas modalidades de fluxos comunicativos enquanto subsídios argumentativos para reiterar hierarquias entre

públicos, objetiva-se neste artigo³ analisar a difusão científica em grupos de pesquisa em uma universidade pública do estado da Bahia, a partir das suas práticas de disseminação e divulgação na perspectiva de líderes de grupos de pesquisa. Para tanto, metodologicamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com esses sujeitos, questionando-os sobre as práticas de difusão/comunicação científica realizadas por seus grupos. Detalha-se a metodologia em seção específica e, em seguida, apresentam-se os resultados obtidos, optando por não apartar a discussão teórica em um tópico separado, mas contemplando-a no corpo do percurso analítico. À guisa de conclusão, são apresentadas algumas possíveis considerações finais.

Metodologia

Para a consecução do objetivo deste trabalho, operou-se metodologicamente com a condução de entrevistas, realizadas pela plataforma *Microsoft Teams*, com 10 líderes de grupos de pesquisa que aceitaram participar do estudo. Um critério de seleção, além da adesão voluntária, foi a identificação de grupos vinculados a Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* (PPGSS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por considerar-se esse aspecto um dos fatores potencialmente motivadores para a investigação de práticas de difusão, tendo em vista que essas práticas são parâmetros de avaliação de grupos e pesquisadores, por parte dos PPGSS e das agências de fomento, ao menos no que tange à disseminação, sobremaneira relacionada à produção regular em periódicos qualificados. Esse aspecto pode, comumente, ser verificado como parte dos critérios de seleção em editais para o ingresso em PPGSS e de pontuação em editais de fomento internos e externos.

³ Este artigo é proveniente de resultados de pesquisa produzidos por uma tese de doutorado em fase de conclusão, no âmbito da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A relevância dos líderes, enquanto critério de delimitação, referenda-se ainda na própria definição de grupo de pesquisa, que confere a esses sujeitos um papel central e hierárquico por parte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Segundo o CNPq, um grupo de pesquisa caracteriza-se como

[...] um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente cujo fundamento organizador são a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; em que há envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisa; no qual o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos. Cada grupo de pesquisa deve, portanto, organizar-se em torno de uma liderança (eventualmente duas), e estar “abrigado” em uma instituição previamente autorizada pelo CNPq⁴. (CNPq, 2023).

Posteriormente às entrevistas, foram transcritas, sistematizadas e codificadas todas as falas para impossibilitar a identificação dos sujeitos por meio delas. Desse modo, atuou-se em conformidade aos termos do Comitê de Ética da instituição investigada e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos líderes. As falas foram, portanto, assim codificadas: “Ln” para se reportar aos líderes, sendo que a letra “L” significa “líder” e “n” um número que os diferenciase. Por exemplo: L1; L2; L3 etc. Também não foram identificados os grupos, reportando-os pelo código “Gn” em equivalência numérica ao seu respectivo líder. Nas ocasiões em que os PPGSS foram mencionados, foi usada a terminologia “Programa” sequenciada de uma letra, ambas entre colchetes. Exemplo: [Programa A]. Abreviações de nomes próprios também foram utilizadas com o mesmo fito de não identificação. O sinal “...” indica trechos suprimidos, tais como traços inerentes à oralidade e repetições, que não representam prejuízos semânticos ao todo das falas.

⁴ <https://lattes.cnpq.br/web/dgp/como-os-dados-sao-obtidos>

A partir das respostas obtidas ao questionamento já mencionado sobre práticas de difusão/comunicação científica, foram construídas categorias que reúnem trechos de falas dos líderes e que expressam práticas e aspectos indicados como relevantes em torno das modalidades de disseminação e divulgação científicas utilizadas. Os gestos de análise das informações produzidas foram feitos a partir de correlações teórico-conceituais sobre o tema no percurso da discussão.

Práticas de disseminação científica em grupos de pesquisa

Esta seção reflete as práticas de disseminação dos grupos de pesquisa, na perspectiva dos seus líderes, referindo-se às formas como difundem conhecimento e se comunicam produzindo fluxos de informação para um público, que reconhecem como mais exclusivo e fechado, de uma área do conhecimento científico, isto é, intrapares, e aqueles voltados ao que identificam como uma comunidade científica e acadêmica, mas não necessariamente da mesma área, ou extrapares, conforme classifica Caribé (2015). A partir das respostas, construímos categorias que ilustram ênfases observáveis que retratam aspectos para além dos canais utilizados, mas para dimensões relacionais entre os sujeitos, construídas em torno dessas práticas. Seguem as categorias de disseminação:

- a) Relação entre práticas de disseminação, institucionalização de vínculos e estabelecimento de redes com pares de outras instituições;
- b) A utilização de mídias e redes sociais, destacadamente o *WhatsApp*, para compartilhar eventos e trabalhos produzidos e de interesse dos pares;
- c) Eventos, seminários e publicações, como livros, artigos e registros videográficos, visando compartilhamento nas mídias e redes sociais; e

- d) Reuniões presenciais ou mediadas por tecnologias digitais utilizadas de acordo com as potencialidades de cada canal e como modo de fortalecer as redes.

Em relação ao primeiro item, tem-se uma indicação da relação entre práticas de disseminação, institucionalização de vínculos e estabelecimento de redes, traço que evidencia que a formalização da institucionalidade dos grupos, sob a forma da sua atuação reconhecida pelas agências de fomento e associação com os PPGSS, bem como a manutenção de redes, formais ou não, tende a retroalimentar as formas de disseminação.

L1: Já tivemos momentos em que essa comunicação se dava a nível de pesquisadores com espaços ... institucionais e momentos em que estudantes de pós-graduação ... estabeleceram uma relação muito mais tênue e intensa com instituições nas quais desenvolviam a pesquisa. Mas muito em função de uma dinâmica do pesquisador, porque a gente não está articulado com redes e ... isso é um elemento fundamental para a troca desse conhecimento. ... Participamos de um centro de pesquisa que, anualmente, fazia um evento onde os grupos de pesquisa ... apresentavam os resultados anuais nesse encontro... Mas a pandemia deu uma interrupção muito grande.

L3: Quando ... os membros apresentam suas pesquisas, projetos, impressões em relação aos grupos de estudos, informam... Durante essas atividades, algum pesquisador que vem de fora para apresentar uma metodologia, um aspecto teórico ou pesquisadores de outros grupos de dentro dos programas ou da UNEB, a gente também convida. É um momento dos membros do G3 terem contato com outras pesquisas, outros pesquisadores, de compartilhar informações e de também socializar conhecimento.

L7: Eventos, congressos, e assemelhados e artigos, basicamente isso, palestras. Às vezes a gente dá uma palestra na UFBA, então a gente leva essa informação para lá, a gente dá uma palestra, no próprio departamento...

L10: A nossa comunicação se dá mais através de memorandos, quando estamos dialogando com outras casas ou mesmo com o interno, com outros grupos. Outras vezes pela rede de pesquisadores. De maneira mais informal, através de informes, ... as publicações que são sempre divulgadas, tudo o que sai a gente tá sempre jogando nesses grupos da rede de pesquisadores...

É importante pontuar que a vinculação aos PPGSS aparece tanto como efeito da vinculação dos discentes que realizam pesquisas nesses programas e que atuam nos grupos quanto por uma dinâmica relacional estabelecida entre pesquisadores de instituições diferentes, o que favorece o intercâmbio de informações.

Outra categoria dentro das práticas de disseminação refere-se à utilização de mídias e redes sociais, destacadamente o *WhatsApp*, para compartilhar eventos e trabalhos produzidos e de interesse dos pares. Observa-se que esse canal acaba se constituindo como transversal, pois aparece, recorrentemente, ora de modo central ora de modo a suplementar a comunicação realizada por meio de outros formatos, inclusive aqueles mais formais, como os e-mails institucionais. Pode-se observar isso nas falas a seguir:

L2: Aí é o *WhatsApp*, a gente envia os trabalhos, um artigo publicado, um capítulo, livro, a gente manda para todo mundo, todo mundo tem acesso, e também quando a gente considera que alguma coisa é relevante, fazer um encontro por vídeo conferência e apresentar os resultados: são os dois mecanismos ... que no período da pandemia a gente utilizou muito e foi bem-sucedido, o pessoal tinha acesso tanto ao *card* de divulgação quanto ao trabalho em *totum* apresentado ... por *WhatsApp*; ... é eficiente.

L3: A informação compartilhada ..., a gente faz isso no *Instagram*. ... reforça no *WhatsApp*, no *Facebook* e no *site*. ... As informações precisam ser replicadas o tempo todo. Nesses momentos que estamos vivendo, fluidos, a gente tem aí vários canais de informação... Alguns tinham maior alcance que outros. No *WhatsApp* a conversa é muito

rápida e às vezes passa. O e-mail também. Estamos sempre lembrando: dê uma olhadinha no seu e-mail, ... por uma questão do registro institucional. ... Isso nos dá certa segurança dentro do processo de avaliação, não só nosso, mas do que é feito dentro da UNEB.

L8: E-mail. Reuniões virtuais por *lives*. Principalmente com essa rede que a gente participa. ... Os e-mails e o *WhatsApp*. Se vai ter algum convidado, vê quem é mais próximo para entrar em contato, e é basicamente com esses canais... E isso têm gerado participações em bancas dos mestrados todo ano.

Pode-se dizer que a categoria relacionada a eventos, seminários e publicações, como livros, artigos e registros videográficos, visando compartilhamento nas mídias e redes sociais tende a ser vista como extensão da anterior na medida em que, apesar de manter formatos de disseminação mais tradicionais, esses mantêm o intento de reverberarem as informações compartilhadas em mídias e redes sociais. Observa-se:

L3: Os livros que temos, os artigos e os anais dos eventos. E um produto que a gente considera também são os registros de filme e fotográfico que estão no *site*, *Facebook*, *Instagram* e *zap [WhatsApp]*, porque a gente joga lá, em PDF, é muito fluido.

L5: Além de artigo científico, a gente organizava livros. São outras formas da gente tentar trazer para a sociedade e discutir, como também os eventos. Mas a gente tá colocando uma atenção maior nas mídias, porque é o que está sendo mais usado, ... vídeos e seções de artigos para disponibilizar para todo mundo. A gente tenta socializar o máximo possível. A gente busca sempre publicar em revistas abertas... Mas existe essa preocupação de colocar nas redes sociais e socializar por outros meios também, pelo *Instagram*, *Facebook*, portais.

L4: Por meio de publicação de artigos, organização de livros, palestras, organização de eventos e as discussões que a gente faz no próprio grupo. ... é um grupo bem produtivo nesse sentido...

L6: Tem seminários, uma coisa é você se comunicar e informar. Outra coisa é a produção de conhecimento. Tem coisas que circula muito na mídia, no Instagram, a gente não fez ainda essa linguagem de áudio.

Outra categoria de disseminação refere-se às reuniões presenciais ou mediadas por tecnologias digitais utilizadas de acordo com as potencialidades de cada canal e como modo de fortalecer as redes. Nesse caso, a ênfase é para a resolução de questões de teor administrativo, de planejamento, controle e acompanhamento das ações do grupo e de consolidação de redes internas, e também pela via da afetividade, como se pode notar:

L3: Todas as nossas reuniões começam com informes abertos para todos... Consequentemente, socializa-se com o grupo. E o processo de comunicação social se estabelece. As informações são trazidas e ali compartilhadas por mim..., porque eu estou coordenando redes de pesquisa. E quando o grupo faz essa ponte em rede, com outros grupos de pesquisa. Daí nós temos os canais, principalmente porque antes as reuniões estavam sendo *online*.

L3: Tem o nosso seminário interno que é programar as atividades que ocorrem durante o ano. A gente ... faz uma avaliação daquele ano e programa as atividades do ano posterior e nossa confraternização em si, o lado afetivo...

Em todas essas categorias percebemos, *prima facie*, ao menos dois aspectos centrais: a) a figura do líder como um sujeito motivador, identificador de potencialidades e limitações, angariador de recursos para fins de disseminação que projete o grupo e b) diversas interrelações da disseminação com a divulgação, de modo que, nem sempre, é possível observar que os líderes encetam ações cujas

repercussões buscam se encerrar e estar exclusivamente circunscritas ao que se concebe como comunidade científica. Isso aponta a relevância em pensar a difusão, quanto ao seu público, em termos de uma comunidade ampliada (Michinel; Burnham, 2007) e susceptível de influências para além dos seus limites internos, como defende Knorr Cetina (2005). A própria centralidade das mídias e redes sociais reitera esse aspecto observado.

Práticas de divulgação científica em grupos de pesquisa

Pari passu aos critérios de construção das categorias anteriores, foram estabelecidas as seguintes categorias de divulgação, de acordo com a perspectiva dos líderes, para expressar uma forma de difusão científica na qual os sujeitos que ocupam a posição de cientistas produzem informações voltadas àqueles considerados como “público leigo”, isto é, membros da sociedade em geral que não integram aquilo que se reconhece como uma comunidade científica ou acadêmica (Massarani; Moreira, 2009). Seguem as categorias de divulgação:

- a) Fragilidade institucional em promover eventos em geral e com relevo temático mais próximos ao escopo da área de Ciência e Tecnologia;
- b) Centralidade das mídias e redes sociais, como o *WhatsApp*, também como estratégia de divulgação;
- c) Utilização de formatos como palestras, eventos, seminários, exposições, feiras, jogos e atuação em espaços públicos como museus e shoppings; e
- d) Proximidade presencial com a educação básica e comunidades tradicionais.

A primeira categoria revela uma fragilidade institucional em promover eventos em geral e com relevo temático mais próximos ao escopo da área de Ciência e Tecnologia. Essa fragilidade é institucional na medida em que também demonstra dificuldades em realizar eventos por parte dos próprios grupos com retaguarda da universidade. Também há uma pontuação sobre o que se identifica como uma desvalorização em temas ligados à ciência e à tecnologia. Neste ponto, há uma ressalva no sentido de dialetizar com parte da fala de L2, a seguir, pois, no entendimento do pesquisador, temas relacionados a aspectos identitários e ideológicos precisam ser compreendidos como passíveis de leitura científica como quaisquer outros, a exemplo daqueles que se apresentam, de modo mais imediato, como tradução de processos inovadores e tecnológicos, voltados à resolução de problemas reconhecíveis como mais objetivos, e não da ordem da subjetividade. É sempre bom lembrar que, conforme demonstrou, pioneiramente, Hessen (1985), diversas invenções, vistas inicialmente como fruto da genialidade isolada ou do trabalho de uma comunidade fechada, foram resultantes de processos econômicos, políticos e sociais, portanto, também ideológicos, quer sejam esses aspectos lidos, fenomenologicamente, como sistemas de representações e ideias, quer sejam num viés mais marxista de obnubilação da realidade. Observa-se:

L1: No caso desses eventos que a gente faz, já estabelecemos articulação com segmentos da administração pública, do setor privado, secundário e com a sociedade, com o terceiro setor, mas essa pandemia realmente...

L2: O ideal seria, para além disso, o que a gente perdeu e que tinha no passado, seminários, simpósios, congressos. Eu não me lembro quando é que a UNEB fez um Congresso Internacional de peso sobre Ciência; ela pode fazer sobre vários aspectos periféricos, que se concentram em gênero, sexualidade e ideologia, mas se você perguntar: e tecnologia? Eu nunca vi nada nos últimos anos ... em tecnologia, ciência e informação.

Nessas práticas vigora, ainda, a categoria sobre certa centralidade das mídias e redes sociais, como o *WhatsApp*, também como estratégia de divulgação. Esses canais funcionam como vetores que potencializam o trabalho de tornar visível a pesquisa, em tese, em linguagens mais palatáveis, uma vez que a própria estrutura de armazenamento e compartilhamento de informações nessas mídias requer formatos que favoreçam o espriamento da informação. Não será detalhada essa questão, porque se trataria de uma análise de ordem midiática, bem como sobre as linguagens utilizadas nesses meios, cujas produções não se obteve acesso por não ser o objetivo desta pesquisa. A categoria em questão fica expressa nas falas que seguem:

L2: Para fora da UNEB, ... fiz um curso de extensão e foi dessa maneira que a gente divulgou, aí vieram profissionais, estudantes, técnicos. Eu também faço via *WhatsApp*; continua sendo um caminho fabuloso para comunidade externa.

L8: Para o grupo em geral, é no processo mesmo só da coleta de dados, a gente tem um contato e com as publicações nos nossos canais das redes sociais que é aberta ao público. Mas diretamente fazer uma atividade para o público, não. ... Muitos estudantes de graduação no *Instagram*, porque eu trago algumas coisas de TCC, então é mais o público leigo, que não é o pesquisador em si.

Esta última fala reconhece fragilidades em processos de divulgação, restringindo a participação do público em geral à fase de “coleta dos dados” e reiterando parte da comunidade acadêmica como um público leigo. Nesse sentido, recorda-se o alerta de Santos (2019), que critica as modalidades extrativistas de coleta de dados que excluem os sujeitos como copartícipes dos processos de produção de conhecimento científico.

Ainda em relação à divulgação, percebe-se uma menor presença de modalidades presenciais para um público mais geral, compreendendo formatos como palestras, eventos, seminários, exposições, feiras, jogos e atuação em espaços públicos como museus e shoppings, de modo que tal aspecto fica marcado, mais enfaticamente, apenas em duas falas. Tendo em vista que esse pode ter sido um dos tantos reflexos pandêmicos sobre as atividades científicas que requeriam presencialidade física, observa-se:

L5: A gente tenta responder à sociedade, algumas palestras... A gente foca não na parte científica, tenta mostrar a importância das coisas para a sociedade, como pode melhorar. Com a proximidade com as secretarias, às vezes, para ir lá, conversar com um grupo de pessoas, de profissionais e ajudar na compreensão das coisas de um nível não científico, de formação geral.

L7: Participamos de algumas feiras..., orientando as pessoas, captando o que as pessoas percebiam... Apesar de que a gente entende que existem impactos socioeconômicos dentro das atividades que a gente faz, óbvio.

Nesta categoria há um aspecto de ordem mais contextual que é a proximidade presencial com a educação básica e comunidades tradicionais. Aqui percebe-se uma maior solidez nas ações de divulgação que podem refletir atuações institucionais mais robustecidas nesse sentido: primeiro, o contexto de surgimento e amadurecimento da UNEB está fortemente ligado ao trabalho de formação de professores para a rede básica de educação, considerando-se as modalidades presenciais e mediadas por tecnologias digitais. Ademais, sempre houve um número maior de cursos de licenciatura em relação aos bacharelados; em seguida, outra marca institucional da UNEB na formação de docentes foi a interiorização do ensino superior para suprir as demandas da educação básica em todo o estado da Bahia. Quando esses dois fatores se coadunam para uma articulação no campo da pesquisa, isso se

traduz em uma maior concentração de PPGSS na área de Humanidades e em uma proeminência na área de Educação. Essas afirmações podem ser atestadas na descrição do histórico institucional no Portal da UNEB e em suas páginas sobre os cursos de graduação, as políticas de extensão e os seus PPGSS⁵.

Assim, as falas que evidenciam as práticas de divulgação voltadas à proximidade com a educação básica e com comunidades tradicionais são efeitos do próprio percurso institucional da UNEB, que se presentifica também em ações de produção e difusão do conhecimento realizadas por seus grupos de pesquisa, os quais viabilizam trocas de experiências e informações no bojo de uma comunidade ampliada, conforme mencionado, para além de estritamente científica. Observa-se:

L3: Nós temos escolas parceiras trabalhando com práticas socioeducativas, ... tem as redes desses coletivos. Temos ... um trabalho com o turismo de base comunitária e educação quilombola em uma reserva de comunidades indígenas e de um quilombo. Temos comunidades de periferias urbanas com os coletivos de jovens e comunidades escolares... A gente trabalha também com movimentos sociais e educação popular. Todos esses sujeitos também participam do seminário, vêm pra UNEB, têm poder de voz, opinam e dizem o que poderia ser, qual seria a temática que poderia ser estudada naquele ano. Eles participam e nós também temos uma agenda com eles nesses espaços comunitários. ... A gente vai construindo esse conhecimento. A partir desse compartilhamento coletivo de informação, passamos a ter espaços de defesa de tese fora da UNEB; nesses espaços..., uma foi na UNEB, mas os jovens, indígenas, quilombolas, vieram para a UNEB para validar o trabalho científico da defesa. Tivemos apresentação de performance, de poesia, de teatro...

L4: Acontece via alunos ligados à escola, a gente consegue participar e chegar na escola por intermédio desses alunos ... e nossa missão é essa.

⁵ <https://portal.uneb.br/>

L7: A gente vai nas comunidades tradicionais, ... a gente tem algumas ações, mas não é o forte do grupo. O forte são ações muito mais de pesquisa, tecnologia e inovação.

L9: Na pandemia, o G9 fez uma parceria com outro grupo que já tinha um canal que produziu uma série de conteúdos de recursos humanos para a formação de professores da educação básica, para o público em geral. Trouxemos palestrantes, organizamos eventos, conjuntamente. Foi uma associação estudada e teve resultados produtivos. ... A estratégia maior continua a ser a comunicação por tela e os eventos com a comunidade em geral.

L10: O trabalho do G10 é muito bom nesse intercâmbio com a comunidade não científica, com a educação básica, principalmente; hoje é uma exigência da CAPES, mas ... já tínhamos isso como foco de atenção. O trabalho com professores e alunos da rede, comunidades quilombolas... Esse intercâmbio é um diálogo que nós temos com essa comunidade para que eles nos aceitem, até porque, nós somos sujeitos estranhos na comunidade, há uma resistência grande; ... o pensamento é que esse pesquisador é aquele sujeito que vem trazer o saber e o poder. Então eles não aceitam mais isso.

De modo não definitivo e categórico, afirma-se que a divulgação em grupos de pesquisa da UNEB tende a se aproximar das perspectivas dialógicas propostas por Lewenstein (2003) em sua discussão sobre comunicação e ciência. Na perspectiva desse autor, a divulgação corresponderia aqui aos modelos da “experiência leiga” e da “participação pública e democrática”. Isso porque, respectivamente, esses consideram que os conhecimentos locais e do senso comum possuem a mesma importância do conhecimento científico, a ponto de poderem atuar nos assuntos e políticas científicas a partir da relação triádica entre ciência, tecnologia e sociedade.

Essas perspectivas podem nortear a revisão das formas de disseminação como traço que reitera a noção da comunidade científica enquanto entidade fechada, ao passo que, no âmbito da divulgação,

é preciso imbuir politicamente os pesquisadores a partir da noção de alfabetização científica. Isso requer, primeiro, de acordo com Bueno (2010), questionar a ideia subjacente de um “público leigo” como pessoas desprovidas de informação, conhecimentos, saberes e experiências para compreender que divulgar ciência não é transmitir unilateralmente dados sobre a realização de esforços e modos de funcionamento da ciência. Segundo o autor, não se trata de divulgar limitando-se à enunciação do que acontece no presente, mas “contextualizar dados, fatos e resultados de pesquisa de modo a garantir sua temporalidade, o desvelamento de intenções e de oportunidades para sua produção e aplicação” (Bueno, 2010, p. 8). Desse modo, o autor reitera que a alfabetização científica prevista na divulgação não pode servir de instrumento para distanciar os que produzem C&T do cidadão comum. Ao contrário, “precisa abrir espaço para aproximação e diálogo e, inclusive, convocar pessoas para debates amplos sobre a relação entre ciência e sociedade, ciência e mercado, ciência e democracia”. (Bueno, 2010, p. 8).

Nesse sentido é que se pode defender a difusão em sua potencialidade integrativa, dada a sua capacidade de abarcar

[...] processos de *disseminação*, *espalhamento* e *divulgação* das informações produzidas e sistematizadas a partir de um determinado propósito, finalidade, direcionamento gerador de uma ação, envolto a transmissão e a assimilação de conceitos, dados ou informações sobre o mundo existencial ou a respeito das ações humanas. (Neto; Menezes, 2020, p. 282) (grifos nossos).

Esse entendimento aponta a dimensão conceitual genérica da difusão, a ponto de se confundir com a comunicação científica, na medida em que abrange diversos formatos de tornar públicas as informações da ciência, como periódicos especializados, sistemas de informação, banco de dados, mas ainda congressos, simpósios, seminários e reuniões científicas, de forma geral. Para além disso,

conforme defende Bueno (2010), traz subjacente a potência política de a difusão científica poder caminhar na direção da perspectiva freiriana (1983), de uma epistemologia implicada na comunicação enquanto ato de escuta genuína, de abertura ao conhecimento do outro, visando, junto *com* o outro, contextualizar os modos de criação de cada conhecimento e suas implicações na vida concreta, nas relações cotidianas e nos modos de produção dos bens.

Considerações finais

Os resultados obtidos em relação à difusão em grupos de pesquisa, na perspectiva dos líderes, apontam, de modo geral, para categorias em torno de práticas e canais utilizados atinentes à disseminação e divulgação.

Percebe-se não somente correlações entre a disseminação e a divulgação, mas a defesa de uma difusão científica nos moldes conceituais mencionados para englobar a disseminação, etapa mais restrita aos sujeitos que se reconhecem como pares – mais por uma questão técnica de compartilhamento de códigos, linguagens e guarida teórico-metodológica – e a divulgação, ambas transversalizadas por práticas variadas, sujeitos plurais, canais favorecedores de participação e linguagem adaptada a quaisquer públicos⁶, na perspectiva da comunidade ampliada.

Não se pode deixar de pontuar, ainda, um aspecto contextual observado nas falas dos líderes, qual seja os impactos da pandemia da covid-19 no funcionamento dos grupos, o que resvalou na continuidade de diversas práticas de disseminação e divulgação, tanto atrasando atividades quanto

⁶ Não foi contemplado o elemento conceitual “linguagens”, um dos itens que define a disseminação e a divulgação, porque não se teve acesso a materiais dos grupos através dos quais seria viável tecer algumas inferências em relação aos tipos de linguagens utilizadas, considerando cada tipo de público ao qual cada modalidade de comunicação se destinaria.

potencializando outras, a exemplo do efeito catalisador do uso de recursos tecnológicos digitais para prosseguir com as atividades de pesquisa. Tal aspecto, dadas as suas complexas implicações, merecem um estudo aprofundado à parte.

A partir das falas dos líderes, propõe-se uma autorreflexão sobre as formas de difusão científica, de modo que seu planejamento e efetivação possam estar voltados concomitantemente à disseminação e à divulgação. Trata-se de assumir a difusão científica enquanto área do conhecimento de possibilidades conceituais amplas, que consideram diversos aspectos do fazer científico, desde a sua produção e concepção até o compartilhamento de informações, presentificando, assim, suas muitas possibilidades.

Por essa razão, enfatizou-se práticas de divulgação relacionadas à proximidade presencial com a educação básica e comunidades tradicionais feitas pelos grupos de pesquisa da UNEB, como reflexos não somente de implicações éticas individuais, mas da atuação institucional coletiva da referida universidade. Isso indica que verificar os grupos pela ótica de uma difusão implicada com a comunidade ampliada reitera a importância em pensar estratégias de produção e difusão de conhecimentos que reconstruam a universidade pública brasileira em toda a sua potência.

Referências

- Bachelard, G. (2018). *A Epistemologia*. Tradução: F. L. Godinho, & M. C. Oliveira. Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução: D. B. Catani. São Paulo: Edunesp, 2004.
- Bueno, W. C. (1984). *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*. [Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes, USP – São Paulo]. Acervo digital da USP.
<https://repositorio.usp.br/item/00071642>
- Bueno, W. C. (2010). Comunicação Científica e Divulgação Científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, Londrina, 15(n. esp), 1-12. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1>
- Caribé, R. de C. do V. (2015). Comunicação Científica: reflexões sobre o conceito. *Informação & Sociedade: Estudos*, 25(3), 89-104. <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93078>
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (2023). *Como os dados são obtidos*.
<https://lattes.cnpq.br/web/dgp/como-os-dados-sao-obtidos>
- Freire, P. (1983). *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- Hessen, B. (1985). *Las raíces socioeconômicas de la Mecânica de Newton*. La Habana 2, Cuba: Editorial Academia.
- Knorr Cetina, K. (2005). *La Fabricación del conocimiento: um ensaio sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.
- Kuhn, T. S. (2013). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Tradução: B. V. Boeira. São Paulo: Perspectiva.
- Le Coadic, Y. F. (1996). *A Ciência da Informação*. Tradução: M. Y. F. S. de F. Gomes. Brasília: Briquet de Lemos.
- Lewenstein, B. V. (2003). *Models of Public Communication of Science & Technology*.
<https://ecommons.cornell.edu/handle/1813/58743>

Massarani, L.; Moreira, I. de C. (2009). Ciência e Público: reflexões sobre o Brasil. *Redes*, 15(30), Buenos Aires. <https://www.redalyc.org/pdf/907/90721335005.pdf>

Meadows, A. J. (1999). *A comunicação científica*. Tradução: A. A. B. de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos.

Merton, R. K. (1979). Os imperativos institucionais da ciência. In J. D. de Deus. *A crítica da Ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Michinel, J. L., & Burnham, T. F. (2007). A socialização do conhecimento científico: um estudo numa perspectiva discursiva. *Investigações em ensino de ciências*, 12(3), 369-381. <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/466>

Mueller, S. P. M. (1995). O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 24(1). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38313>

Neto, J. F. B., & Menezes, A. M. F. (2020). Difusão do Conhecimento I. In D. A. Galeffi, M. I. C. Marques, & M. Rocha-Ramos (Orgs.), *Transcielopédia em difusão do conhecimento*. Salvador, Quarteto.

Santos, B. de S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica.

Universidade do Estado da Bahia. (2023). A UNEB. <https://portal.uneb.br/a-uneb/>

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e aos sujeitos que aceitaram participar desta pesquisa.